

Poema de me chamar António

Â Â Â

"Hoje, ao nascer do sol, de manhãzinha,

ouvi cantar um galo no quintal
quando eu tinha seis anos e fui passar as férias do Natal
com a minha madrinha.

Na cama improvisada no corredor
sabiamente fingia que dormia
muito embrulhado num cobertor,
enquanto numa luz melada e quase fria,
o mundo, sabiamente,
fingia que nascia.

E então apeteceu-me também nascer,
nascer por mim, por minha expressa vontade,
sem pai nem mãe,
sem preparação de amor,
sem beijos nem carícias de ninguém,
só, só e só por minha livre vontade.

Dobrado em círculo no ventre do meu cobertor,
enrugado como um feto à espera da liberdade
(viva a liberdade!)
cerrava e descerrava as pálpebras, sabiamente,
como se a não movesse,
como se não sentisse nem soubesse,
abrindo-as numa fenda dissimulada e estreita,
insensível às coisas quotidianas,
mas habil para aquela alvorada puríssima e escorrega
que me inundava o sangue através das pestanas.
Fremiam-se-me as pálpebras sacudindo na luz um pó de borboletas,
um explodir de missangas furta-cores,
bacilos e vapores,
rendas brancas e pretas.

Cada vez mais feto, mais redondo, mais bicho-de-conta,
mais balão, mais planeta, bola pronta
a meter-se no forno,
mais eterno retorno,
mais sem fim nem princípio, sem ponta nem aresta,
excremento de escaravelho aberto numa fresta.

Foi então que o tal galo cantou.
Loooooooooonge...
Muito looooooooooonge...
no quintal da vizinha,
lá para o fim do mundo mesmo ao lado da casa da minha madrinha.
Era uma voz redonda, dócil, inexperiente,
bruxuleante como a chama
que está mesmo a apagar-se e esperta de repente
e novamente morre e de novo se inflama.
Uma voz sub-reptícia, anódina, irresponsável,
fugaz e insinuante,
um canto sem contornos, aéreo, imponderável.
Tudo isso e muito mais, mas principalmente distante.

Foi assim que a voz do galo na capoeira
do quintal da vizinha

que tinha plantado ao centro uma nespereira
 mesmo junto da casa da minha madrinha,
 penetrou no ventre macio do meu cobertor.
 Era uma frente de onda, compacta e envolvente,
 pura jã na garganta e agora mais que pura,
 filtrada
 e destilada
 nos poros ávidos da minha cobertura.
 Chegou e fulminou o meu ser indigente,
 exposto e carecido,
 naquele gesto mole e distraído
 do Deus onipotente
 da Capela Sistina
 quando ergue a mão terrível e fulmina
 o coração
 de Adão.

E pronto. Eis-me nascido. Cheio de sede e fome.

Antônio o meu nome."

À

Antônio Gedeão, in Linhas de Fogo

À